

---

*“A violência contra a mulher não é o mundo que a gente quer”: mobilização e participação social na Marcha das Vadias*

---

Carolina Costa Ferreira\*

**Resumo:** O presente artigo pretende analisar o movimento da “Marcha das Vadias”, ou *Slut Walk*, como instrumento de mobilização social, para que os direitos das mulheres sejam reconhecidos como concretização do direito à cidadania. O artigo discutirá a origem do movimento, sua articulação no Canadá e no Brasil, e analisará alguns de seus resultados por meio de entrevistas realizadas com as líderes do movimento na cidade de Brasília-DF.

**Palavras-chave:** Gênero; Feminismo; Cidadania; Sociedade Civil Organizada; Marcha das Vadias.

**Abstract:** The article intends to analyze *Slut Walk* as an instrument to social mobilization, with the goal to women’s rights can be recognized as a way to promote citizenship. The article will discuss the Historical origin of the Slut Walk, its articulation in Canada and Brazil, and, finally, its results. The researcher interviewed some people that organized the event in Brasília-DF.

**Keywords:** Gender; Feminism; Citizenship; Society; Civil Society.

---

\* Mestre em Direito, Estado e Constituição pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora do Grupo Candango de Criminologia (GCCrim/UnB). Professora de Direito Penal e Processo Penal do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Coordenadora de Editoração da Revista Jurídica da Presidência. Advogada.

## 1) Gênero, feminismos e sociedade

Questões de gênero não são novidade em nossa sociedade. As mulheres lutam pelo reconhecimento de seus direitos há séculos. Por gênero, é importante mencionar Joan Scott (1995, p. 11), que entendeu que este conceito deve incluir não só sexo, mas também classe e raça, para que se chegue à reflexão sobre o processo de visibilização da mulher como participante ativa dos processos políticos e sociais, estabelecendo, ainda, estratégias do movimento para a tutela de seus direitos.

Se o conceito de gênero passa por uma “evolução complexa”, culminando em Scott, o Feminismo está em constante transformação. Carla Marrone Alimena (2010, p. 19-22) expõe as chamadas “três ondas do Feminismo”: a primeira seria a da igualdade formal, com a luta pelos direitos civis, como o direito ao voto, à educação, ao trabalho; a “segunda onda” se refere às diferenças, a discussão de poder entre homens e mulheres – nesse sentido, temos a luta pela diminuição da violência contra a mulher, o assédio sexual nas relações de trabalho, a pornografia, a prostituição. Por último, a “terceira onda” discute o conceito de gênero e a diversidade. Não se fala de “guerra entre sexos”, mas de diversidade de abordagens e de lutas. Alimena (2010, p. 21) explica ainda que “o que há em comum entre essas três ondas é que as questões levantadas por cada uma delas continuam em aberto”.

Portanto, não há um Feminismo, mas Feminismos, plurais, com premissas e lutas específicas (MACEDO, 2006, p. 816). Márcia Navarro (2009) demonstra que o Feminismo, no fim do século XX, passa por uma fase complexa, de questionamentos: temos muitos movimentos, ou a luta histórica já está superada, tendo em vista o crescimento de uma geração que já encontrou uma sociedade mais “igualitária”? Que processos políticos mantêm a luta pela igualdade de gênero? Temos participação social nesses processos? E a mobilização social de mulheres e, mais especificamente, de jovens mulheres?

No Brasil, as dificuldades em relação às questões de gênero ainda são muitas. Com o advento da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006) e as alterações recentes no Código Penal (Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009, que passou a definir o crime de estupro e outros delitos como “crimes contra a dignidade sexual”, substituindo a obsoleta definição “crimes contra os costumes”), o tema da violência contra a mulher passou a ser mais debatido.

Com isso, os registros no sistema de justiça criminal aumentaram muito – ainda não se pode inferir se o aumento nos dados se deu pelas recentes alterações legislativas ou se, de fato, a mulher tem se reconhecido como sujeito de direitos.

A despeito das alterações legislativas, ainda se percebe o uso do corpo da mulher como objeto em programas de televisão e declarações misóginas de humoristas. Um caso que gerou bastante polêmica envolveu o comediante Rafinha Bastos, conforme reportagem de André Rodrigues, publicada na revista “Rolling Stone”, em maio de 2011:

"Toda mulher que eu vejo na rua reclamando que foi estuprada é feia pra caralho." O humorista Rafinha Bastos está no palco de seu clube de comédia, na região central de São Paulo. É sábado e passa um pouco das 20h. Os 300 lugares não estão todos ocupados, mas a casa parece cheia. Ele continua o discurso, finalizando uma apresentação de 15 minutos. “Tá reclamando do quê? Deveria dar graças a Deus. Isso pra você não foi um crime, e sim uma oportunidade.” Até ali, o público já tinha gargalhado e aplaudido trechos que falavam sobre como cumprimentar gente que não tem os braços, o que dizer para uma mulher virgem com câncer, e por que, depois que teve um filho, Rafinha passou a defender o aborto. Mas parece que agora a mágica se desfez. O gaúcho de 34 anos, 2 metros de altura, astro da TV, não está emplacando sua anedota sobre estupro. Os risos começam a sair tímidos e os garçons passam a ser chamados para servir mais bebida. Rafinha aparenta não se dar conta de que algo ruim está acontecendo. Em vez de aliviar, ele continua no tema. “Homem que fez isso [*estupro*] não merece cadeia, merece um abraço.” Em vez de rir, uma mulher cochicha para alguém ao lado: “Que horror”. (RODRIGUES, 2011)

Tais declarações causaram muita repercussão: de um lado, vieram manifestações daqueles que as viram apenas como fruto da liberdade de expressão e que, por isso, apenas poderiam ser consideradas “politicamente incorretas”; por outro lado, organizações se mobilizaram para emitir notas de repúdio, culminando na abertura de um Inquérito Policial para a investigação de eventual crime de apologia ao crime, neste caso, de estupro.

O caso “Rafinha Bastos” despertou a revolta de muitas mulheres que não se colocaram no lugar de eventuais vítimas, mas que perceberam o momento de

impedir este intenso processo de culpabilização das mulheres, provocado pela cultura machista. Este caso foi bastante utilizado para o desenvolvimento de uma importante reflexão: nossa sociedade ensina a “não ser estuprada”, e não a “não estuprar”<sup>1</sup>.

## 2) Gênero e cidadania: uma relação complementar

Lutar pela igualdade de gênero é lutar pela cidadania. É perceber que a atuação da mulher precisa ser politizada nos espaços público e privado, sem exclusão ou anulação de um ou de outro. Como explica Maria Noemi Castilhos Brito (2001), as mulheres aumentaram sua participação em movimentos sociais e atuações políticas (não necessariamente partidárias), e esta luta se verifica no Brasil e em outros países como Argentina, Uruguai, Chile, Peru e Bolívia. Para a autora:

Ser mulher na América Latina hoje envolve a luta pelo reconhecimento da sua posição como sujeito social presente no contexto latino-americano, exigindo dos analistas da sociedade uma atenção especial que destaque a diferenciação por gênero. (BRITO, 2001, p. 297)

Assim, a luta feminista, que se intensificou nos anos 1970, toma proporções diferentes nos anos 2000 e 2010. As mulheres, conscientes do seu papel político, lutam pelo reconhecimento de seus direitos. Em relação à participação social, há um questionamento freqüente da inclusão de mulheres jovens nesta luta: a idéia tradicional de que suas bases são mais específicas, como a conscientização sobre a gravidez na adolescência; atualmente, nota-se um amadurecimento desta discussão, como demonstra Áurea Carolina de Freitas e Silva (2009, p. 51):

[...] a participação juvenil enseja uma prática educativa não-formal, fortalecedora de uma cultura democrática mais inclusiva. Sua base é normativa, pois assinala o dever ético de se reconhecerem as manifestações juvenis e a importância de se

---

<sup>1</sup> Esta reflexão se realizou em diversas esferas, mas, principalmente, na Internet, em sítios eletrônicos e blogs, e nas redes sociais, como Twitter e Facebook.

fomentar a formação cidadã e a organização dos jovens com algum grau de autonomia perante o mundo adulto.

Assim, para a discussão sobre gênero na juventude, é preciso pensar em outros formatos, especialmente na importância das redes sociais como instrumento de mobilização social (CASTELLS, 2000). Carla Cerqueira, Luísa Teresa Ribeiro e Rosa Cabecinhas (2009, p. 114) também abordam a questão, indicando que “o meio digital tem facilitado o acesso das mulheres à esfera pública, pois oferece inúmeras possibilidades de participação (formatos específicos, sistemas interactivos, conteúdos multimédia, etc.)”.

Além disso, a pauta de reivindicações muda sensivelmente, e está mais ampla, chegando-se, diretamente, à contestação da cultura machista que considera o corpo da mulher simples mercadoria. A mobilização social que culminou na “Marcha das Vadias”, que estudaremos a seguir, é um grande exemplo desta nova articulação entre os feminismos, entre mulheres jovens, contra o machismo e o patriarcado.

### **3) Mobilização: a Marcha das Vadias (*Slut Walk*)**

*“Se ser vadia é ser livre, então somos todas vadias.”  
(Cartaz exposto na Marcha das Vadias, em 18 de junho de 2011)*

A “Marcha das Vadias” representa uma das formas de mobilização de mulheres mais eficiente dos últimos anos. A organização deste ato contra a violência sexual e o machismo se iniciou em abril deste ano, em Toronto (Canadá), depois que um policial chamou mulheres e pessoas em situação de risco de violência sexual como “*sluts*” (vadias). Em orientações a mulheres, este policial disse que a forma de se vestir das mulheres poderia provocar estupro. Rapidamente, as ativistas feministas Sonya J. F. Barnett, Heather Jarvis e Alyssa Tekah se mobilizaram e organizaram uma manifestação, chamada *Slut Walk*. Em 3 de abril de 2011, mais de três mil pessoas foram às ruas de Toronto para se manifestar contrariamente a esta conduta machista:

When we first heard about the Toronto Police officer labeling women and people most at risk of sexual assault as ‘sluts’, we thought about making noise and demanding for more than an apology. We have a constitutional right to a freedom of expression and a freedom of assembly so we’re using it. Putting that into action, we wanted to go right to Toronto Police Service’s front door at 40 College St. with impassioned numbers uniting against these damaging stereotypes. Thus SlutWalk was born and began with SlutWalk Toronto. We are taking our frustration to the streets – literally.

Quando nós ouvimos pela primeira vez sobre o guarda da Polícia de Toronto que estigmatizou mulheres e pessoas que sofrem mais riscos de ocorrência de assédio sexual como “vadias”, nós pensamos em fazer barulho e demandar por mais do que desculpas. Nós temos o direito constitucional à liberdade de expressão e à liberdade de reunião, então estamos os usando. Indo à ação, nós queremos ir até à frente da Polícia de Toronto, na College Street, 40, com números indiscutíveis contra estes estereótipos desastrosos. Assim a “Slut Walk” nasceu e começou com o movimento de Toronto. Nós estamos levando nossa frustração às ruas – literalmente. (Tradução livre)

O ato de “levar a nossa frustração às ruas” representa a iniciativa fundamental da manifestação. No Brasil, o movimento foi traduzido como “Marcha das Vadias”, mantendo a terminologia inicial, ainda que tenha havido muita resistência quanto ao termo “vadia” (o que, em certa medida, permite reconhecer alguns preconceitos naquelas que se dizem feministas).

Como diz a epígrafe desta seção, se ser vadia é ser livre, então somos todas vadias. A forma de se vestir, andar, expressar a sexualidade, são formas de expressar a identidade (múltipla, rica e, por que não, contraditória) da mulher. Não se trata de passar qualquer mensagem sobre sua liberdade sexual – como alguns cartazes demonstravam, “saia curta não quer dizer ‘me estupre’”.

Estas atitudes de culpabilização da mulher refletem, ainda, um pensamento típico do patriarcado. A mulher é um objeto, uma mercadoria, da qual o homem pode se apropriar. E o crime de estupro é uma das formas mais graves de expressão deste poder, sobre o qual a mulher não tem qualquer participação, a não ser como vítima.

Heleieth Saffioti (2004), uma das grandes representantes da chamada “segunda onda feminista”, deixa claro que a discussão de gênero implica na

discussão sobre o poder na sociedade. Casos de violência sexual são sempre associados às demonstrações de poder de homens sobre mulheres, como meio de reafirmação de seu poder, da história de subjugação do feminino em relação ao masculino.

Importante, também, é pensar na universalização desta luta. A “Marcha das Vadias” ganhou espaço em vários países, sem distinção de influência econômica, social ou política. As mulheres se uniram para lutar contra o machismo, comportamento cultural mundial, inimigo tão antigo da cidadania. O texto de Sheila Rowbotham (2009, p. 178), com sua retrospectiva histórica, expressa bem esta luta:

Minha experiência de vida na Falange me convenceu que a melhor maneira de assegurar essas reformas não é o isolamento, mas a agitação nos bairros dos trabalhadores. Pretendo fazer agitação pelos direitos das mulheres em Toronto e lutar para assegurar os direitos sociais que acredito possibilitarão às mulheres das classes trabalhadoras fazerem suas próprias escolhas a respeito de suas vidas. Nossas derrotas foram difíceis de suportar, mas temos a coragem de confrontá-las e idéias e propostas para contribuir com as gerações futuras. Nossa causa é realmente internacional.

Em Brasília, pode-se verificar que a Marcha foi um movimento democrático, pacífico, que reuniu mulheres e homens de todas as cores, idades e posicionamentos políticos. Todos se reuniram às onze horas, em frente ao Conjunto Nacional, que fica no Setor de Diversões Norte, local bem centralizado. De lá a Marcha rumou ao Setor de Diversões Sul, também conhecido por CONIC, desceu as escadas da Rodoviária do Plano Piloto e chegou ao Eixo Monumental, subindo em direção à Torre de Televisão, ponto final da Marcha. A grande maioria das pessoas seguiu até o ponto final do trajeto.

#### 4) Resultados da Marcha das Vadias: empoderamento e discussão

*“This feminism is composed by a million points of light,  
and we can celebrate many little advances  
without asking any of them to be the whole answer.  
But one by one, as the little light spreads, we will realize  
that a new dawn is shining full into the faces of every one  
of us.” (WALTER, 1999, p. 54, apud NAVARRO, 2009, p.  
247)<sup>2</sup>*

Passadas a maioria das manifestações no Brasil (algumas ainda estão previstas, como em Campinas-SP, Belém-PA e Curitiba-PR), é necessário pensar sobre os resultados da “Marcha das Vadias”. No Canadá, foram criados grupos de discussão e as organizadoras do movimento já prometem a segunda edição da “Slut Walk”. No Brasil, os movimentos também continuam se organizando, em reuniões presenciais e, principalmente, por meio das redes sociais, como Twitter (@MarchadasVadiasDF), Facebook (<http://www.facebook.com.br/marchadasvadiasdf>) ou pelo blog criado (<http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/>).

Considerando a continuidade dos movimentos, como podemos pensar em estratégias de empoderamento das mulheres pós-“Marcha das Vadias”? Heleieth Saffioti expressa uma concepção de poder que se assemelha muito à experiência da “Marcha”:

Ninguém contesta que o poder seja central na discussão de determinada fase histórica do gênero, já que este fenômeno é cristalino. O que precisa ficar patente é que o poder pode ser democraticamente partilhado, gerando liberdade, como também exercido discricionariamente, criando desigualdades. Definir gênero como uma privilegiada instância de articulação das relações de poder exige a colocação em relevo das duas modalidades essenciais de participação nesta trama de interações, dando-se a mesma importância à integração por meio da igualdade e à integração subordinada. [...] Empoderar-se equivale, num nível bem

<sup>2</sup> “Este feminismo é composto de um milhão de pontos de luz, e nós podemos celebrar muitos pequenos avanços sem questionar nenhum deles por uma resposta completa. Mas uma a uma, assim que a pequena luz se espalha, nós perceberemos que uma nova aurora está à nossa frente.” (Tradução livre)

expressivo do combate, a possuir alternativa(s), sempre na condição de categoria social. (SAFFIOTI, 2004, p. 113-114)

Para investigar melhor esta perspectiva, mulheres comprometidas com a organização da “Marcha das Vadias – DF” foram entrevistadas, respondendo a cinco perguntas (cf. anexo). Trataremos, aqui, dos principais resultados encontrados nas entrevistas, todas realizadas por escrito. Manteremos o sigilo dos nomes das entrevistadas, exatamente porque o conteúdo de suas falas já as representam por si só. Interessante ressaltar, ainda, que a organização do movimento encaminhou o questionário para o grupo de e-mails formado para a discussão da Marcha e o preencheu coletivamente, o que é importante para demonstrar a dimensão coletiva do assunto e das próprias respostas.

Em relação à mobilização, todas as mulheres responderam que a iniciativa do evento partiu da rede social “Facebook”. A rede social permitiu agilidade e mobilização de muitas mulheres, que, pelos meios mais tradicionais, não adeririam ao movimento. Assim explicam Carla Cerqueira e outras (2009, p. 119):

Com as tecnologias, como a Internet, abrem-se novas possibilidades para o feminismo (van Doorn & van Zoonen, 2008). O ciberfeminismo é, na perspectiva de Donna Haraway, um movimento que utiliza as novas tecnologias como forma de libertação das mulheres, pois possibilita uma construção em que elas estão livres do corpo. «O ciberfeminismo tudo tem a ver com a afirmação e o acesso ao poder (o *empowerment*) da parte das mulheres, a redefinição da sua identidade e a coexistência de identidades múltiplas e alternativas, existência de várias vozes» (Macedo, 2007: 255).

Questionadas sobre aspectos positivos e negativos da Marcha, as organizadoras responderam:

O principal aspecto positivo foi, sem dúvida, o número de pessoas bem maior do que esperávamos (cerca de 2 mil). O aspecto negativo foi basicamente a atuação da polícia, que nos pressionava a todo momento para que déssemos informações precisas sobre o trajeto que nem nós mesmas sabíamos informar, dado o caráter horizontal da Marcha e a impossibilidade de definições precisas em uma manifestação popular. Além disso, a PM tentou nos impedir de subir da rodoviária

até a Torre de TV seguindo no sentido oposto ao dos carros e, em virtude da nossa resistência, a polícia deixou de ajudar a organizar o trânsito do meio para o final da Marcha, portanto tivemos que organizar o trânsito sozinhas. (Questionário 6 – Organizadoras)

As outras mulheres entrevistadas ainda completaram esta resposta:

Foram vários aspectos positivos mas penso que o principal deles tenha sido a mobilização que houve para a marcha – discussões sobre questões de gênero, divulgação. Isso se refletiu na quantidade de pessoas que participaram, que em grupos ou não, estavam com corpos e cartazes que gritavam por igualdade e pelo fim de todo e qualquer tipo de violência e discriminação. (Questionário 3)

Um aspecto negativo é uma certa homogeneidade na composição das(os) participantes, pois em sua maioria eram brancxs, universitárixs, de classe média, etc. (Questionário 2)

Questionadas sobre a participação ou o apoio de autoridades ao movimento, as organizadoras do evento assim responderam:

Em termos de posicionamento das “autoridades”, só sei do apoio dxs deputadxs distritais Erika Kokay e Professor Israel Batista, que leu nossa carta manifesto no plenário da Câmara Legislativa do DF.

Vale ressaltar que a marcha das vadias não foi um movimento voltado exclusivamente para o poder público, mas, principalmente, para a sociedade, visando mudança de uma cultura que ainda coloca as mulheres em condições inferiores aos homens e, essencialmente visando conscientização da importância da luta pelos direitos das mulheres. (Questionário 6 – Organizadoras)

Esta ultima declaração demonstra a relevância da Marcha das Vadias para o empoderamento da mulher – e este realizado de forma coletiva, social, com o objetivo de promover identificação e pertencimento às mulheres.

Partindo deste pressuposto de empoderamento – termo muito utilizado, também, quando se discute a efetividade da Lei Maria da Penha –, movimentos socialmente organizados, principalmente por mulheres jovens, podem se tornar um instrumento de monitoramento e avaliação de políticas públicas para as mulheres? Esta pode ser uma conclusão futura. As jovens entrevistadas, em sua

maioria nascidas nos anos 1980 e 1990, acostumadas com a “liberdade profissional” da mulher, sentem-se violadas em seus direitos fundamentais por uma cultura patriarcal, machista, que as condena pelo tamanho da roupa e as trata como objeto. No entanto, estas jovens ocupam com naturalidade os espaços públicos para lutar pelo reconhecimento de seus direitos, em nova perspectiva. Esta nova forma de enfrentar o machismo, espontânea e ao mesmo tempo militante, pode nos trazer uma participação política diferenciada. Algumas jovens, individualmente, podem se tornar representantes políticas importantes na luta pela igualdade formal; mas o mais importante, nesta perspectiva, é considerar a participação social de todas, como sujeito coletivo de direitos.

Podemos perceber este grau de envolvimento das jovens mulheres por suas respostas aos questionários a elas encaminhados. Algumas respostas nos dão o caminho para uma efetiva participação social delas.

## 5) Conclusões

*O perigo real para a mulher livre, em minha opinião, é a extrema dificuldade de desafiar o preconceito em tantas frentes. Isso pode ser destrutivo e levar a grandes sofrimentos. [...] (ROWBOTHAM, 2009, p. 180)*

Pode-se concluir, ainda que preliminarmente, que o movimento de mulheres que culminou na “Marcha das Vadias” foi importante para (re)definir um processo de mobilização e organização da luta feminista. Mais de mil pessoas, de todos os gêneros e sexos, uniram-se em Brasília para lutar contra o machismo, demonstrando que as questões de gênero incomodam muito. A ocupação das ruas de Brasília demonstrou que a união de mulheres de todas as idades pode resultar no empoderamento que os Feminismos tanto almejam.

Mobilizações como estas são fundamentais para quebrar estereótipos sobre as “feministas” (seres masculinizados e que, paradoxalmente, odeiam homens), mostrando que todas as mulheres se sentem contempladas com os objetivos de luta da Marcha. O machismo – e a violência sexual reproduzida a

partir dele – atinge mulheres de todas as idades, profissões, modos de vida, todas bem representadas na Marcha das Vadias.

## Referências bibliográficas:

ALIMENA, Carla Marrone. **A tentativa do (im)possível: feminismos e criminologias**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

BEAUVOIR, Simone de. **A mulher independente**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2008.

BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BODELÓN, Encarna. Relaciones peligrosas: género y derecho penal. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, n. 29, ano 8, 2000, p. 233-246.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. A violência como produto da crise da condição masculina. In: MALUSCHKE, Günther; BUCHER-MALUSCHKE, Júlia S. N. F; HERMANNNS, Klaus (Orgs.). **Direitos humanos e violência: desafios da Ciência e da Prática**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004, p.187-196.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRITO, Maria Noemi Castilhos. Gênero e cidadania: referenciais analíticos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2001, n. 1, p. 291-298.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Trad. Roneide Venancio Majer. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. v.1.

CERQUEIRA, Carla; RIBEIRO, Luísa Teresa; CABECINHAS, Rosa. Mulheres e blogosfera: contributo para o estudo da presença feminina na 'rede'. **Revista ex aequo**, Lisboa, 2009, n. 19, p. 111-128. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aeq/n19/n19a10.pdf> Acesso em 13 de julho de 2011.

ESPÍNDOLA, Cybele Ribeiro; BUCHER-MALUSCHKE, Júlia S.N.F; SANTOS, Ana Patrícia. A mulher no contexto da violência. In: MALUSCHKE, Günther; BUCHER-MALUSCHKE, Júlia S. N. F; HERMANNNS, Klaus (Orgs.). **Direitos humanos e violência: desafios da Ciência e da Prática**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004, p. 213-230.

GARLAND, David. **A cultura do controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea.** Trad. André Nascimento. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 2003.

MACEDO, Ana Gabriela. Pós-feminismo. **Revista Estudos Feministas.** Florianópolis, 2006, v. 14, n. 13, p. 813-817. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2006000300013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000300013&lng=en&nrm=iso) Acesso em 01 de agosto de 2011.

MACHADO, Lia Zanotta. Sexo, estupro e purificação. In: SUÁREZ, Mireya; BANDEIRA, Lourdes (Orgs.). **Violência, gênero e crime no Distrito Federal.** Brasília: Editora UnB e Paralelo 15, 1999.

MARCHA DAS VADIAS DF. Manifesto: Por que marchamos. Disponível em: <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/manifesto-porque-marchamos/> Acesso em 15 de junho de 2011.

NAVARRO, Márcia Hoppe. Entre o acadêmico e o popular: os rumos do feminismo atual. Trad. Flávia Biroli. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 17, n. 2, maio/agosto 2008, p. 305-332.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual.** Trad. Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

RODRIGUES, André. A graça de um herege. **Rolling Stone**, n. 56, maio de 2011. Disponível em: <http://www.rollingstone.com.br/edicao/56/a-graca-de-um-herege> Acesso em 18 de junho de 2011.

ROWBOTHAM, Sheila. Caro Dr. Marx: carta de uma feminista socialista. Trad. Mariza Corrêa. **Cadernos Pagu**, n. 32, janeiro/junho 2009, p. 159-182.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004, 2ª reimpressão.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação e realidade**, 1995, p. 01-11. Disponível em: [http://s3.amazonaws.com/files.posterous.com/musadesastrada/toXBpEzMR4ocbyWRR174eqvUfFBT8Td8p1XgBIPD4hRvo0XScHHWTKLry99/Joan\\_Scott\\_Genero.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJFZAE65UYRT34AOQ&Expires=131](http://s3.amazonaws.com/files.posterous.com/musadesastrada/toXBpEzMR4ocbyWRR174eqvUfFBT8Td8p1XgBIPD4hRvo0XScHHWTKLry99/Joan_Scott_Genero.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJFZAE65UYRT34AOQ&Expires=131)

3381258&Signature=xEqVPzCGCmaCXXiF0CmyzZLcI%2BA%3D Acesso em 23 de abril de 2011.

\_\_\_\_\_. “La querelle des femmes” no final do século XX. Trad. Ana Cláudia Acioli Lima. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2001, n. 2, p. 367-388.

SOTO, Ivette Sónora. Conciencia ciudadana. Cambio de mentalidades de las mujeres santiagueras y sus utopías. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 17, n. 2, maio/agosto 2009, p. 395-416.

VARGAS, Joana Domingues. Análise comparativa do fluxo do sistema de justiça para o crime de estupro. **Dados: Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 4, 2007, p. 671-697.

\_\_\_\_\_. Familiares ou desconhecidos? A relação entre os protagonistas do estupro no fluxo do sistema de justiça criminal. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 40, jun/1999, p. 63-82.

WACQUANT, Loïc. **O mistério do ministério: Pierre Bourdieu e a política democrática**. Trad. Paulo Cezar Castanheira. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

### **Vídeos relacionados:**

AMORA, Gustavo. Marcha das Vadias – Brasília. Disponível em: <http://vimeo.com/26511921> Acesso em 14 de agosto de 2011.

BRASIL. TV Câmara. Marcha das Vadias: entrevista com as organizadoras. Disponível em [http://www.youtube.com/watch?v=O3nkUI4ihis&feature=player\\_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=O3nkUI4ihis&feature=player_embedded) Acesso em 20 de setembro de 2011.

COLETIVO MURUÁ. Marcha das Vadias. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=JNZpxU82gAI> Acesso em 23 de junho de 2011.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Diretório Central dos Estudantes. Marcha das Vadias. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=EWn7FN8gGOo&feature=related> Acesso em 14 de agosto de 2011.

## **Questionário – Marcha das Vadias**

1 – Quais foram as etapas da organização da mobilização social que culminou na “Marcha das Vadias”? Quantas pessoas, em média, se envolveram na organização da Marcha?

2 – Aponte um aspecto positivo e um negativo da “Marcha das Vadias” (estimativa de público, repercussão na imprensa, atuação da policia, etc).

3 – Quais foram os resultados da mobilização pós-Marcha das Vadias? Como o movimento pretende continuar intervindo politicamente para assegurar melhorias nas políticas públicas de atendimento à mulher?

4 – Como as autoridades (Ministério Público, Judiciário, Legislativo Distrital e Federal) se posicionaram em relação à Marcha das Vadias?

5 – Ainda há Marchas que se realizarão em todo o Brasil. Quando será a próxima mobilização em Brasília?